

Jones, o psicanalista

Felipe Lessa da Fonseca

Resenha de Izabel de Madureira Marques, *A importância de ser Ernest Jones: uma leitura psicanalítica sobre a invisibilidade de um homem notável*, São Paulo, Zagodoni, 2023, 320p.

Em *A importância de ser Ernest Jones*, Izabel Marques nos oferece um amplo e instigante estudo dos dilemas que tramaram a vida e a obra de Alfred Ernest Jones. De modo rico e interessante, a autora usa o próprio método psicanalítico para investigar a história e a criatividade do psicanalista. Com uma escrita fluida e descontraída, entre associações e reconstruções, seu estilo pessoal e afirmativo dá ao texto uma clara marca autoral e, ao mesmo tempo, confere densidade ao livro, que é tecido com observações sobre os textos de Jones, análises da correspondência com Freud (incluindo as cartas entre Freud e outros psicanalistas) e cuidadosas interpretações dos conflitos teóricos e institucionais da época. Ao colocar-se em diálogo direto com vários pensadores e historiadores como a americana Brenda Maddox, a francesa Elisabeth Roudinesco, a húngara Veszy-Wagner, o brasileiro Renato Mezan, os ingleses Riccardo Steiner e Adam Phillips e outros, a qualidade das reflexões sobre esse conhecido personagem sugere que o livro deva ser vertido, no mínimo, para o inglês.

Felipe Lessa da Fonseca é psicanalista, mestre e doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP, foi membro fundador do Laboratório de Saúde Mental Coletiva (LASAMC) na FSP-USP, é pesquisador e membro do Ambulatório de Sintomas Somáticos (SOMA) no IPq-HC, professor do Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP), e professor e colaborador no Instituto Langage.

DOI: 10.70048/percurso.72.135-140

Como Freud, Jones estudou neurologia e nutriu múltiplos interesses – religião, filologia, política, xadrez, etc. – além de dedicar-se a assuntos mais específicos – mecanismos psíquicos, simbolismo, pesadelos, castração, feminilidade, sublimação, etc. Os temas de Jones aparecem entrelaçados e revelam o avanço de posições e pensamentos que, pelas análises de Marques, dão mostra do quão significativa é a obra de Jones, mesmo sem formular um sistema teórico próprio. A intuição de Jones o levou a várias ideias importantes, como acontece a alguns psicanalistas criativos, sem, contudo, produzir uma nova técnica ou uma nova leitura da psicanálise que se pudesse chamar *jonesiana*. Ficamos com a imagem de um bravo gentil cuja inteligência só não brilhou mais, talvez porque sofreu certo *fading* à sombra do nome do pai.

Em geral é visto como um talentoso coadjuvante de notória desimportância – um “criado pretensioso” ou uma “babá” nas associações de Phillips; ou uma “copeira” como no sonho da autora. Diferentemente, nesse livro, Jones é apresentado como um protagonista especial, talvez um exemplo das contradições internas e dos embates externos que pautaram a edificação da psicanálise.

A pesquisadora relata de maneira breve a história pessoal de Jones no País de Gales e traça linhas gerais do contexto histórico, nos dando uma amostra do clima em que o protagonista do livro entra para o círculo dos primeiros psicanalistas, e como, ao longo de toda a criação madura de Freud, seu devoto adepto espelhou-se, contribuiu, inspirou-se, gerou e mediou debates entre os psicanalistas.

A política de domínio inglês sobre os galeses parece ter impactado a infância e a vida escolar de Jones – entre a suposta “imoralidade galesa” e a presunçosa nobreza inglesa. Em casa, o pequeno Alfred também se viu obrigado a lidar com essa dualidade, entre a herança celta cultivada por sua mãe e a fleuma britânica inspirada em seu pai. Na esteira disso, Jones conta sobre aspectos precoces de sua personalidade; teria tido as primeiras relações sexuais com seis e sete anos de idade (o

que seria comum em sua região) e depois apenas aos vinte e quatro anos. Aos treze e aos dezesseis anos teria recebido bolsas de estudos, conquistando certa independência financeira de seu pai. A contrapelo da moralidade protestante da família, o gosto pelo raciocínio cético logo inclinou o jovem celta-inglês ao ateísmo e, em seguida, às explicações psicanalíticas sobre as questões que escapam à racionalidade da consciência.

Enquanto jovem adulto teve de entender-se com a linguagem da sexualidade na clínica e na vida – e o fez incorporando a letra e a lei de Freud. Numa clínica neurológica, ao analisar os efeitos da sexualidade infantil em uma menina com braço paralisado, gerou resistências e mal-entendidos – o que complicou sua posição profissional na Inglaterra. Após fazer uma breve análise pessoal com Ferenczi, Jones seguiu para o Canadá, difundindo a psicanálise no Novo Mundo. Jones namorou uma ex-paciente, a rica e bela holandesa Loe Kann, que depois foi analisada por Freud devido a problemas com morfina. Também teve um caso com uma ex-empregada, Lina, e talvez ele tenha desejado a filha de Freud, Anna, até que em 1916 casou-se com a bela galesa Morfydd Owen, que viria a falecer apenas um ano e meio depois do casamento. Em 1919, casou-se com a inteligente judia Kitty Jokl, com quem passou o restante da vida. Por outro lado, profissionalmente, Jones aprendeu cedo a manejar em análise o amor de transferência, como pontua Marques; Joan Riviere, Ethel V-Sawyer, Edith Eder estiveram apaixonadas pelo psicanalista.

A ambição e a impulsividade de Jones, na vida pessoal e no gosto pela liderança, talvez tenham desagradado alguns. Lacan foi interrompido por Jones em 1936 quando apresentava sua tese sobre o *Estádio do Espelho*, e mais tarde, em 1958, chamou-o ironicamente de “paladino das feministas inglesas”, por afirmar a existência de um tempo anterior à primazia do falo na formação da subjetividade. A autoconfiança singular e o espírito expedito de Jones, contrastando com sua posição humilde e disponível, talvez possam sugerir uma subserviência masoquista, como interpreta

Adam Phillips ao apontar o que poderia haver de ridículo nos ares pomposos da serventia do galês. Talvez Jones sentisse alguma culpa pela dissimulada adulação de Freud (seu ideal de distinção) ou certo constrangimento inconsciente pela suspeita de alguma saliência infantojuvenil (seu fantasma celta). Essas hipóteses certamente serviram ao gozo de quem o considerasse risível e, possivelmente, servem ainda aos que fomentam o desprezo por seus trabalhos. Depois de ler o livro de Marques, poderíamos supor que, por preconceitos ou pouca leitura, de modo geral, as antipatias por sua vaidade e estilo deliberativo terminam por invalidar sua autoridade sucessória e impugnar a qualidade de suas proposições.

Desde o início do século xx, os psicanalistas retomavam as questões sobre o narcisismo e o exibicionismo em torno dos problemas do autoerotismo e das pulsões sexuais e de autoconservação. Em 1913, Jones propõe a noção de *Complexo de Deus*, onde busca descrever fantasias narcísicas de onipotência e onisciência em algumas personalidades; a resistência aos novos conhecimentos, a excessiva modéstia (reativa ao exibicionismo), o isolamento e a indiferença, etc. Além da possível necessidade de Jones (baixinho e brilhante) elaborar seus próprios sentimentos de inferioridade e grandiosidade, como observa Marques, a noção de Complexo de Deus parecia dirigir-se a Jung, que cultivava interesses por noções ocultistas e esotéricas.

Jones também apontou para fantasia de *onisciência* nos métodos que “prometem um *shortcut* para o conhecimento” da mente, seja por recursos místicos, seja por reduções da subjetividade. Criticando a onipotência psicológica (médica e científica), Jones acusa a “enxurrada de curvas e estatísticas” que pretendem objetivar o acesso aos fenômenos latentes (a escala de Binet-Simon, as medições psicogalvânicas, a grafologia, etc). Ao mesmo tempo, a fantasia de ser Deus colocava questões sobre um Complexo narcísico/onipotente/exibicionista na formação das personalidades. Vale lembrar que em 1914 Freud irá sistematizar o tema do autoerotismo e da

funcionalidade do Eu (da onipotência infantil e dos ideais do Eu) no texto *Introdução ao Narcisismo*.

O problema da inferioridade ocupou Alfred Adler, que em 1908 estava convencido de que o desejo de superioridade – derivado da vontade de poder na filosofia de Nietzsche – serviria como compensação aos sentimentos de inferioridade dos indivíduos, e que as pulsões de poder seriam a causa das neuroses, não as pulsões sexuais e agressivas em defesa do eu – o que acabou por afastá-lo de Freud, em 1911. Jones testemunhou a discórdia e nos anos seguintes, como diz Marques, se a relação entre Jung e Freud ia de mal a pior, a relação entre Jones e Freud não poderia estar melhor. Poucos anos depois, em 1914, Jung se afastou de Freud, também reconsiderando a etiologia sexual das neuroses e a teoria pulsional; e divergindo do criador da psicanálise, propôs novos conceitos como o inconsciente coletivo e o simbolismo arquetípico. Adler e Jung posteriormente desenvolveram sistemas teóricos próprios: a Psicologia Individual e a Psicologia Analítica, respectivamente. Compreende-se que a produção de sistemas intrinsecamente diferentes (e originais) tenham por consequência o afastamento da psicanálise.

Freud, que era cioso de suas ideias, reconhece o crédito do aluno que sistematizou o conceito de *racionalização*. Jones apresentou seu texto *Rationalisation in everyday life* em 1908, observando como processos racionais podem operar mecanismos de evasão e intelectualização de “sentimentos” e de causas “volitivas”, relacionadas aos atos cujos sentidos inconscientes não se pode conhecer. Na vida diária, a razão presta-se a destituir de sentido qualquer pensamento que desagrade a consciência, ou serve para construir raciocínios que dissimulem os motivos inconscientes que se quer evitar. O cético britânico analisa as racionalizações nas doutrinas religiosas e pontua as justificativas intelectualizadas nas ciências. As explicações dos neurologistas que à época ainda prescreviam valeriana para tratar as histerias – no intuito de afastar-se da antiga lógica

da elevação do útero agitado, como nos séculos anteriores – especulavam um suposto efeito “antiespasmódico” do princípio ativo do ácido valeriânico, o que surgia como uma racionalização científica. Certo discurso, que hoje podemos chamar de cientificista, apresentava-se como uma explicação intelectualizada que, ao mesmo tempo, buscava ignorar a percepção das razões psicogênicas das histerias.

O conceito de *racionalização* acerta um alvo complexo e sofisticado, pois toca diretamente as questões sobre a racionalidade consciente e sobre a razão nas ciências. Com apenas vinte e nove anos, Jones aponta para a defesa intelectual que resulta dos acordos científicos frente às insuficiências da pesquisa racional. Os princípios ativos da valeriana, do hidrato de cloral, da morfina e da cocaína, acompanhados das explicações racionalistas da neurologia do início do século passado, não podiam explicar a participação dos processos inconscientes nos diferentes quadros neuróticos e psicóticos.

Hoje, as racionalizações nas ciências podem ser reconhecidas nas sucessivas reclassificações da psicopatologia categorial ou nas incontáveis escalas da psicometria em geral. Sem dúvida, os avanços na psicofarmacologia (ansiolíticos, antidepressivos, estabilizadores e antipsicóticos) permitem muito melhor manejo dos quadros difíceis de ansiedade, de depressão e sobretudo das psicoses. Entretanto, o conhecimento neuroquímico do princípio ativo destes fármacos e os complexos exercícios estatísticos (repetibilidade, confiabilidade, coeficientes, covariâncias, etc.) para validação de escalas e questionários criam um discurso *tecnificista* que busca resumir a complexidade da dinâmica biopsicossocial, evitando os aspectos inconscientes da patologia desses processos.

Mas Jones não avança na análise da racionalidade cientificista – talvez porque ainda se sentisse pouco seguro para sustentar uma reflexão mais apurada sobre a teoria do conhecimento na psicanálise. Como nos mostra a pesquisadora, ao longo de sua obra ele traz à tona diversas ideias

que mereceriam ser mais desenvolvidas e melhor consideradas. Esse é também o caso de sua noção de *afânise*, que investiga os efeitos subjetivos da castração desde o início da vida; e de sua concepção de *simbolismo*, que rastreia os encadeamentos lógicos entre símbolos e metáforas junto à teoria da representação de Freud (deslocamentos e condensações da memória). Se Jones não deu fôlego a seus argumentos, ou se evitava o risco de divergir com Freud, não sabemos, mas pode-se dizer que seu estilo psicanalítico semeou uma liberdade de pensamento que ele mesmo não usufruiu plenamente. À meia distância do criador da psicanálise, parece ter favorecido a liberdade conceitual de outros autores que fizeram escolas, como aconteceu com as correntes americanas, inglesas e francesas.

Particularmente o conceito de *afânise* abriu campo para certo empirismo da maternidade na psicanálise, relativo às experiências objetais primárias, anteriores à função paterna. Desde o final dos anos 1920, as formulações de autoras como Karen Horney, Helene Deutsch, Melanie Klein e outras inspiraram as controvérsias em torno das noções freudianas de primazia do falo e fantasia de castração na constituição da feminilidade. Em 1927, em seu texto “O desenvolvimento inicial da sexualidade feminina”, Jones alinha-se às concepções dessas autoras, referindo-se à crítica ao falocentrismo alertada por Horney e discutindo o papel secundário da inveja do pênis indicado por Deutsch.

O britânico, que acolhera Klein em Londres em 1926, como ela ocupou-se de investigar o sentido precoce da castração desde a fase oral-sádica, observando suas relações com a privação e a frustração no início da vida. O perigo da *afânise*, como risco de abolição da libido (antes da ameaça de castração), levaria a menina a recuar em seu desejo pela mãe e, num segundo momento, a colocaria frente aos dilemas junto ao pai – o que confere importância secundária à percepção da diferença genital. Ao propor o conceito de *afânise*, Jones avalizava as reflexões desenvolvidas por mulheres sobre a feminilidade e, de certo modo, divergia de Freud a respeito do fulcro simbólico do complexo de Édipo: a prevalência da lógica fálico/castrado.

Porém, a ideia de que o terror da *afânise* fosse anterior ao medo da castração (e estivesse na base das neuroses) seguia no registro da sexualidade e já apontava para a relação entre privação, frustração e castração. Assim, se por um lado a polêmica arrepiou Freud, que em 1925 havia reiterado a tese das consequências psíquicas das diferenças anatômicas, por outro, parece tê-lo levado a aceitar a ideia de uma fase pré-edípica na sexualidade feminina – retomando o tema em *Sexualidade feminina* (1931) e em *Feminilidade* (1933). Talvez Freud precisasse ouvir de um homem diplomático – como Jones – os argumentos sobre as condições precoces (anteriores à percepção genital) da sensação de ameaça, sobre as figurações mais primárias nos pressentimentos de perda e de perigo. Mantendo-se em acordo com as formulações de Freud sobre a angústia e o desamparo, Jones afirma que, nas meninas e nos meninos, apenas em um segundo momento as fantasias fálicas e de castração conferem sentido ao temor da *afânise*.

Otto Rank queixava-se de não ter sido reconhecido por sua observação (em 1924) sobre a precedência materna, sobre o trauma do nascimento como a primeira experiência de castração. A separação da mãe seria a primeira perda na série de objetos estimados e castrados – completando o entendimento das relações primárias de objeto. Freud discordou, pois entendia que a imaturidade do recém-nascido ainda não permitiria a diferenciação de qualquer objeto perdido, e que, portanto, os imperativos das privações e a dor do nascimento não se ordenariam ainda como pressentimentos simbólicos da castração. Rank insistiu em interpretar a formação dos sonhos e dos processos neuróticos antes como realizações de traumas, e depois como realizações de desejos – o que também o levou a afastar-se de Freud em 1926. Aborrecido, Rank foi para Paris e de lá seguiu para Nova York, onde passou a desenvolver a psicologia do *aqui e agora* (Terapia da Vontade).

Provavelmente foi dessa celeuma que, mais tarde, Lacan extraiu seu conceito de objeto “a” – faltante e alusivo à mãe – articulando a privação real, a frustração imaginária e a castração

simbólica em torno dos objetos do desejo. Porém, foi especialmente o conceito de *afânise*, como uma função precoce e homóloga à castração, que em 1957 interessou a Lacan. O risco de apagamento (abolição) da capacidade de desejar serviu para o psicanalista francês pensar as circunstâncias em que, *a posteriori*, o significante (fálico) poderia eclipsar o sujeito. Lacan expande a proposição de Jones, explorando a negativa de *phanos*, do grego; tocha, luz, brilho. Trata-se do *fading* do sujeito desejante que se vê ofuscado ou obscurecido pelos efeitos simbólicos (e imaginários) dos significantes do Nome do Pai na cadência de seu discurso.

Em *A Teoria do Simbolismo* (1920), Jones refletiu sobre as relações entre os símbolos primários às representações secundárias, e sobre os encadeamentos entre ideias substitutivas (como símiles; metáforas, sinédoques, metonímias, etc.) que resultariam da resistência em evocar a verdadeira significação dos símbolos. Entretanto, ao investigar a origem sexual do simbolismo, a teoria das significações de Jones não dava ênfase ao lugar da metáfora paterna e, platonicamente, situava o “verdadeiro símbolo” no plano das ideias, aquém do real. Por isso, Lacan conferiu certa debilidade à sua teoria dos símbolos, embora ao prestar tributo a Jones em 1959 o tenha considerado um homem de talento e “excelência ímpar”.

A importância de ser Ernest Jones certamente vai além das consagrações do biógrafo e agente institucional. Em nome do pai, do filho e do neto; o estudo sobre as razões do apagamento da obra do britânico se reflete na fantasia de *inversão dos papéis entre as gerações* – tema trabalhado por Jones e cuidadosamente explorado por Marques ao longo do livro. Ao resgatar a importância das contribuições teóricas do psicanalista (como uma neta de Freud) a pesquisadora cuida de uma possível “salvação” simbólica da invisibilidade do velho Jones (como um pai injustiçado). Mas, também, ao evidenciar sua desimportância – em nome de Freud, avô da psicanálise – “vinga-se” do altivo biógrafo galês que, como copeira (criado ou babá), não expandiu

a paternidade de suas ideias e que, como autor criativo, serviu de solo para liberdade de outros psicanalistas.

Ernest era também o nome do filho mais jovem de Freud, e Jones (que era 23 anos mais novo que o mestre), como um filho fiel, nunca sustentou simbolicamente sua revolta parricida – talvez às custas de sua independência criativa. Como aponta a autora, da fidelidade de Jones ressoava uma fé devota à genialidade do Professor, e sua arraigada defesa ateísta sugeria uma necessidade íntima (mas política) de negar qualquer crença ou herança do espírito santo na psicanálise – mesmo se na figura distante do avô (ou do bisavô) pudessem pairar fantasias divinas.

Embasada em Maddox, evitando os adjetivos excessivos de Roudinesco e ponderando as observações de Phillips, de Steiner e outros, Marques investiga o processo criativo de Jones detendo-se no que possa haver de original e inédito, ou de autêntico em seu trabalho. Se Jones parece o personagem Forrest Gump (dada sua perseverança servil e sua modéstia afiada) como sugere a autora, a análise dos conflitos entre a coragem de ousar (como a de Klein e outros) e o receio de romper ou conspirar contra seu próprio ideal (Freud) indica por onde suas soluções mais criativas (teóricas e práticas) ficaram esquecidas ou camufladas na história. Entre o medo inconsciente de fracassar como pequeno galês e a fantasia de triunfar como grande psicanalista britânico, a vida e a obra de Jones o colocaram entre a suspeita de ser um fanático apaixonado pela doutrina de Freud e o enigma de ser ou não ser um gênio inibido em sua criatividade. De todo modo, como relembra Marques, *original is as original does*, e nosso protagonista sempre fez o que fez de maneira autêntica e original.

Jones não venceu o pai num xeque-mate, mas jogou uma bela partida. Ao final da década de 1930, assumiu o papel de filho-paternal e ajudou a salvar Freud e muitos psicanalistas do nazismo. Da mesma forma, frente a resistência à psicanálise – mais vezes devida às teses sobre a sexualidade – como bem destaca a autora, Jones

procurava proteger Freud (e si mesmo) das acusações de que a psicanálise seria um mero movimento de discípulos (termos que Jones combatia), ou pior, seria um culto a-científico sustentado por

idólatras em torno de Freud. O compromisso e a confiabilidade do espírito pragmático de Jones, até a última hora, serviram à qualificação e à validação do saber psicanalítico.